

## A batalha é pela identidade, a guerra é simbólica

Fábio Fonseca de Castro

1 de junho de 2016

O que me motivou a escrever o [post de ontem](#), a respeito da eventualidade de novas aproximações entre PT e PMDB, foi a percepção de que o momento político exige que o PT produza mensagens claras de defesa das conquistas sociais dos seus governos e de desaprovação aos atos do governo Temer. Trata-se de uma batalha simbólica fundamental que, inclusive, dá o tom político para a militância e para os setores progressistas da sociedade que, mesmo sem pertencerem ao PT, lutam contra o governo usurpador de Temer.

Assim, penso que os diretórios do partido – bem como todos os sujeitos sociais que, de algum modo, enunciam ou representam o partido – deveriam produzir mensagens extremamente claras e que não ofereçam dúvidas a respeito desses compromissos.

Num momento como este é preciso, além de ter cuidado com dubiedades de sentido, enunciar as posições políticas de maneira clara e contínua. Em outros termos: do ponto de vista da batalha de sentidos em curso (e vivemos, essencialmente, um momento de batalha de sentidos) é preciso enunciar a defesa da herança e dos compromissos (ou seja, da identidade política) e a posição crítica ao partido que está liderando o golpe e dizimando com conquistas sociais fundamentais.

É preciso, portanto, não construir dependências, vinculações e analogias com os agentes políticos responsáveis pelo golpe. Trata-se de uma questão de comunicação política.

E, para além disso, é preciso que, a partir das possibilidades abertas (ainda que

tragicamente) pela conjuntura política, o PT faça um movimento de “retorno” à esquerda.

Tudo isso passa por enunciações, por mensagens, por sinais. Os diretórios do partido precisam compreender os sinais que vêm da sua militância e, também, das ruas. E, por sua vez, precisam passar sinais de coerência.

Quanto ao PMDB, quero dizer que tenho perfeita compreensão dos mecanismos do presidencialismo de coalisão que se constitui como sistema político do país e percebo, embora com algumas ressalvas críticas, a justificativa da presença do partido na sustentação dos governos petistas. Além disso, é evidente que como há diferentes PTs, há também diferentes PMDBs e que condeno, fundamentalmente, a parte do PMDB que se associa ao PSDB no aparelhamento do sistema judiciário e da Polícia Federal provocando o colapso que observamos hoje dessas instituições.

O problema, portanto, não é “metafisicamente” o PMDB. A questão é pragmática: o fato de que o PMDB, em sua maioria partidária, constitui não apenas a instituição política que desfere um golpe de Estado mas, também, o poder político que está ferindo o estado de direito e revertendo as conquistas sociais realizadas.

Por fim, cabe falar a respeito da necessidade de defender, com clareza, a candidatura de Regina Barata à prefeitura de Belém. É preciso passar sinais claros que ajudem a consolidar a sua candidatura. Em eleições anteriores esses sinais talvez não tenham sido suficientemente claros e decididos. Mas

o contexto agora demanda, sobretudo, esse cuidado. Nas batalhas de sentidos a vir é preciso produzir distanciamentos e aproximações. Distanciamentos em relação ao PMDB e aos demais agentes

que o acompanham na aventura em que se lançaram e aproximações em relação às heranças, aos compromissos sociais históricos e, enfim, à identidade.

O post referido:

## **E o PT, hein?**

**Fábio Fonseca de Castro**

31 de maio de 2016

O que dizer quando o Diretório estadual do PT libera a formação de alianças com o PMDB e quando libera seus militantes para permanecerem com DASs no governo Temer? Como explicar essas contradições a um militante, a um simpatizante ou mesmo a alguém que, não sendo do PT, sente respeito pelos compromissos do partido e repudia o golpe de estado em curso?

Como se sabe, isso ocorreu no último sábado e é oficial: o Diretório Estadual do PT, no Pará, decidiu. Fazendo um jogo de palavras (esse recurso que infesta os documentos politicamente comprometedores) deixa de "determinar" para "orientar" os militantes ocupantes de cargos comissionados no governo golpista a pedirem sua exoneração. Em outro momento, admite e mesmo facilita a manutenção de alianças com o PMDB.

Pois é. Não dá para explicar. Confesso que estou chocado e impressionado com o nível político do dessas decisões, que convertem em lixo todo o patrimônio simbólico e ético que sustenta a permanência de muita gente de bem no partido. Evidentemente, a maior parte da militância é contra essas decisões, mas há muito que o PT esquece (convenientemente) de ouvir a sua militância.

Decisões desse tipo ferem as lutas e o esforço que estamos empreendendo neste momento histórico de luta contra o golpe e no qual nossa melhor arma é, simplesmente, a coerência de posições.

Aliás não é por outra razão que critico o apoio que setores do PT estão prestando ao projeto de poder do PMDB na UFPA neste exato momento. A conveniência desse apoio silencia a coerência. E embora haja partidos que prescindam de coerência, não é possível ter um partido sério, na esquerda, que abra mão de seus critérios básicos de ética e coerência.

Aí sim dá para perceber uma ferida perigosa, talvez uma ferida de morte.

Digo isso porque o PT não acaba e nem se degrada porque Dilma foi afastada. O PT não acaba e nem se degrada diante da campanha vilipendiosa que a mídia e o campo conservador estão fazendo contra ele. Ele acaba e se degrada quando apoia o PMDB. Ele acaba e se degrada quando militantes que ocupam DASs não entregam os cargos e aceitam fazer parte do governo golpista. Ele acaba e se degrada quando militantes e mesmo intelectuais do partido fecham os olhos para o que se passa o país - e, é claro, na UFPA - quando é por pura conveniência, interesse eleitoral, individualismo.